



Capoeira - uma prática

Rui Takeguma

Quando comecei a prática da capoeira em 1990, em Curitiba, as academias diziam fazer Angola e Regional. Passei pela *Muzenza* do Mestre Burguês e, depois, pelo *Centro Paranaense de Capoeira* do Mestre Sergipe. Somente no final de 1991, vendo uma apresentação do *GCAP* no Rio de Janeiro, experimentei uma 'rasteira'. Como é que depois de dois anos aprendendo Angola, descobri a Angola? Quando desejei aprender somente Angola no Paraná, os capoeiristas riam e diziam ser a Capoeira Angola coisa de mulher, num sentido pejorativo e obviamente machista. No Rio, Mestre Mano comenta que antigamente (antes de 1980) os regionais diziam pisar na cabeça dos angoleiros nas rodas. Na Capoeira "Contemporânea" há um estereótipo da Angola dos angoleiros: muito lenta e no chão, sem a presença do ritual. Mestre Moraes e o *GCAP* resgataram a Angola com seu conteúdo de luta e com uma capacidade técnica de enfrentamento. O angoleiro podendo jogar Angola e enfrentar a "Contemporânea" com igualdade, de baixo para cima, na fuga e no contra-ataque, com *negativas* frente às *positivas*.

Na década de 60, a inexperiência em Capoeira (início do *Senzala*), a necessidade de sobrevivência, o apoio entre capoeiristas de estilos diferentes (*Cordão de Ouro* e *Senzala*), o afastamento dos centros tradicionais (BA e RJ) e o desejo de criação de estilos novos fazem a Capoeira sofrer novas transformações. Em 1971, procurando resgatar alguns aspectos mais tradicionais, Mestre Almir das Areias, dissidente do *Cordão de Ouro*, cria a *Capitães da Areia*, que junto com a *Cativeiro*, questionam a Federação e sua proposta.

Grupos importantes e vários outros mestres não cito, pois aqui procuro priorizar apenas os mais próximos da pesquisa **Soma-Iê** versus Capoeira Angola. Em 1976, Roberto Freire, intelectual que havia entrevistado Mestre Pastinha em 1966 para a revista *REALIDADE*, começa a fazer Capoeira com Mestre Almir (que hoje chama se Anand) e a estudá-la cientificamente em paralelo ao desenvolvimento da Somaterapia.

Aqui entra um parêntese para a importância do *GCAP*, o *Grupo de Capoeira Angola Pelourinho*, formado na época por Mestre Moraes. Fundado em 1980 no Rio e transferido em 1982 para a Bahia, teve uma importância indiscutível para a retomada da Capoeira Angola. Deixou mestres no Rio de Janeiro e formou Mestre Cobrinha Mansa na Bahia. Valorizando os mestres antigos, produzindo pesquisas, trouxe a energia tradicional da Roda de Capoeira a uma nova posição: ritual, luta e movimento. No início da década 80, com a Regional completando 50 anos e a Angola, 400, o contexto se modificou totalmente. A Regional era predominante, mas se afastara dos preceitos do seu criador, e os angoleiros, que não concordaram com a inevitável fusão das capoeiras, estavam esquecidos e se afastando da sua prática. Mestre João Pequeno, principal discípulo de Mestre

Pastinha, começou a usar cordéis e batizados, influenciado pelas mudanças da Capoeira.

A Capoeira começou a se preservar e se restringir através de shows e espetáculos, que associavam uma Capoeira acrobática com Maculelê (arte recuperada por Mestre Popó, de Santo Amaro), Puxada de Rede, Roda de Samba e rituais de show criados por Mestre Canjiquinha. Foi a forma de sobrevivência da Capoeira. Mestre João Grande, que migrou para Nova York (EUA) e hoje está recebendo vários prêmios pela preservação da arte negra, tinha abandonado a Capoeira, trabalhando como frentista em Salvador. Graças à insistência de Mestre Cobrinha e do GCAP, voltou à Capoeira em 1984. Em 1986, o Mestre Nenel (filho de sangue de Mestre Bimba) resolve recuperar a Regional original de seu pai, formando a *Filhos de Bimba Escola de Capoeira*, denunciando como a 'Contemporânea' se afastou da Regional pura.

Em 1992, mudei para Belo Horizonte e entrei no *Grupo Iúna de Capoeira Angola*, com os professores Primo, João e Wagner, que, hoje, dez anos depois, são considerados Mestres. Devido a motivos pessoais, mensalmente viajava pelo sul e sudeste, além de viagens de pesquisa para o nordeste do Brasil, podendo perceber na prática (em rodas e treinos) as várias Capoeiras existentes na década de 90. Fiz contato com vários capoeiristas, como, por exemplo, Nino Faísca de Olinda-PE, que foi o capoeirista que formou o primeiro grupo somente de Angola em Curitiba, e hoje se encontra na Alemanha como professor da *Associação Angola Dobrada de Capoeira Angola*, coordenada por Mestre Rogério (que formou o *Iúna*). Um texto de Alejandro Frigerio publicado em 1989, "**Capoeira: de arte negra a esporte branco**" (*23), foi uma referência para quem se iniciasse nas diferenças das capoeiras. Vendo hoje as referências de Frigerio, percebo que sua análise não foi entre Angola e Regional, mas sim entre Angola e "Contemporânea". Frigerio não encontrou a Regional pura, e, ainda hoje, essa dicotomia acontece. Quem faz Capoeira, na maior parte dos grupos está aprendendo a Capoeira "Contemporânea". Aprende a 'angola-e-regional'. A roda começa com um ritmo lento, a 'angola' e logo depois, entra num ritmo mais rápido, a 'regional'. Frigério comenta essa diferença da 'regional' e da 'atual' em entrevistas relatadas. Para um pesquisador que, no decorrer de 1983 a 1987, pesquisou somente oito meses, sua categorização teve pontos interessantes. Concordo com muito de sua abordagem, mas discordo da "musica lenta" ser uma característica intrínseca da Angola. Porém entendo que ele fez um grande trabalho, mesmo que o seu universo de pesquisa tenha sido somente dois grupos de Capoeira Angola. A Angola, para mim, comporta uma possibilidade variada de ritmos, do lento ao rápido, o que nem sempre vai definir a movimentação dos jogadores. A música na Capoeira não é só um fundo que define o ritmo, ela faz parte do próprio diálogo do jogo, e o jogador pode 'quebrar as regras' por desconhecimento ou ousadia (*3).

Junto com o processo de crescimento e "modernização" da Capoeira, quando ela começou a migrar para todo o Brasil e para outros países, a "Contemporânea" se ampliou de forma geométrica, ao mesmo tempo a Angola minguava junto com a Regional original. Na década de 60, ambas se enfraquecem para quase morrerem na década de 70. Na década de 80 se dá o renascimento da Angola através do GCAP e o renascimento da Regional com os *Filhos de Bimba* e, na de 90, a definição dos estilos. Conflitos entre grupos e mestres fazem os conceitos de mestria (títulos) e os conceitos dos estilos serem relativizados. Cada grupo

se define do seu jeito e a confusão semântica faz parte das capoeiras nessa virada de milênio.

“Mestre Pastinha morreu com 92 anos e dizia estar aprendendo a Angola. Como é possível alguém saber os dois estilos?” Esta questão representa a filosofia que procura definir limites para os estilos. A história nos mostrou como foi possível essa fusão, mas o movimento da Capoeira se opera internamente de forma a recuperar conceitos numa prática viva que é o ritual das rodas. A Regional segue os passos da Angola e ambas conseguem reviver e recuperar sua unidade, deixando para a “Contemporânea” escrever sua história. A Angola se volta para sua essência como movimento de baixo, provocando uma mudança de posição que permanentemente questiona as outras capoeiras. Também questionando permanentemente a si própria para estar em movimento.

Em 1993 a pesquisa da Soma deu seus primeiros frutos. Os somaterapeutas ligados a Roberto Freire se aprofundam na Capoeira Angola montando um espaço destinado a Angola de Mestre Pastinha e criando um dos primeiros espaços dedicados somente a esta arte (inclusive, tendo conflitos com um capoeirista na sua inauguração) em São Paulo: o Tesão – a casa da Soma, em Perdizes. Enquanto isso, Mestre Almir das Areias cria seu projeto *Soma-Capoeira*, procurando juntar Angola, Regional e outros estilos num só, o que nada tem a ver com a Somaterapia, ou a proposta da Soma, que é exclusivamente viver a Angola.

Outro ponto de confusão é a questão libertária, que é mal vista por muitos devido à tentativa política da ‘esquerda’ e da ‘direita’ em confundi-la com bagunça ou desordem. Através da denúncia do autoritarismo, o Anarquismo, como a Angola, produz a permanente crítica às relações que produzem o movimento social. Hoje, o próprio Movimento Anarquista está contaminado de autoritarismo, e a **Soma-Iê** procura lutar contra isso vivendo a Autogestão (ou melhor, em permanente busca por ela). A luta pela Autogestão é a luta cotidiana contra a vivência do autoritarismo. Nos estudos de grupos de Capoeira nos aproximamos da cultura Bantú na descentralização do poder e no respeito à dignidade humana (não confundir com cidadania (*24) – sempre conceitos em conflito...). O que está difícil na sociedade é a vivência da Autogestão e, principalmente, as associações em macro escala, possíveis na teoria de “**Do Princípio Federativo**”, de Pierre-Joseph Proudhon, mas raramente vividos na prática. Vivência que acontece cotidianamente nos diálogos da roda de Capoeira Angola.

Os aspectos técnicos retomados podem variar, mas como exemplificação da terminologia vamos analisar a bateria das rodas. Mestre Pastinha mostrou que na bateria o berimbau é indispensável. Com a retomada da Angola pelo GCAP, Mestre Moraes a definiu com três berimbaus, dois pandeiros, atabaque, agogô e reco-reco. E outros grupos como de M. João Pequeno e m. Curió já usava bateria similar na época. Muitos grupos criaram essa bateria como ‘lei’ sem perceber que não

é só isso que definirá o estilo. A Regional de Mestre Bimba, que hoje atua com um berimbau e dois pandeiros de couro, segundo Mestre Boca Rica, antes também contava com um reco-reco.

A entrada dos instrumentos é plural. O berimbau-de-barriga entrou na Capoeira entre os séculos XIX e XX. Na vida social, o berimbau era usado por vendedores ambulantes para chamar a atenção. Antes, no lugar do arame, era usado o cipó-de-imbé e havia também o berimbau-de-boca. O nome ‘berimbau’ é de origem

portuguesa e espanhola e foi transferido para o arco-musical africano, que é um dos instrumentos musicais mais antigos da humanidade (*25). A entrada do atabaque se deu provavelmente no século XX, na institucionalização da Capoeira. Apesar de constar na clássica ilustração de Johann Moritz Rugendas (de 1830, considerado o mais antigo desenho do jogo de capoeira), o atabaque não manteve uma continuidade histórica. Inclusive, há versões de que quem o introduziu recentemente foi Mestre Canjiquinha. Se no Rio de Janeiro, na capital do Império, entrou a navalha, *"a Bahia muito contribuiu, na parte musical, introduzindo o pandeiro, o caxixi e o reco-reco, em substituição às palmas; e o berimbau de barriga com corda de aço, com voz mais sonora e muito mais recursos que o de boca"* (*26).

Só para apresentar esta exemplificação da bateria, vi na década de 90 grupos mudando e variando. Alguns, que usavam um berimbau, passaram a usar três berimbaus. No aspecto aparente e superficial, passaram da Regional para a Angola, mas no aspecto técnico da música, o tipo de toque, a afinação de cada berimbau e a sua função na roda, eles simplificaram e enfraqueceram a proposta da Angola, aumentando a descaracterização e a confusão.

Assim procuro separar os aspectos OBJETIVOS, como cores de uniforme, bateria, músicas, etc, dos aspectos SUBJETIVOS, as intenções e relações criadas que se buscam na brincadeira de Angola. Sem uma entrega visceral (como abandonar a tentativa de ter vários estilos hoje) não se conhecerá todo esse mistério afro-brasileiro. Podemos ultrapassar a 'objetividade-sem-parênteses' das análises objetivas e trabalhar a 'objetividade-entre-parênteses'(*27) na Capoeira. A **Soma-Iê** quer movimentar os conceitos, colocando todos como 'observadores': ação direta produzindo trocas dentro da roda e fora dela. Cada um é quem vai optar entre **ilusão** e **percepção**. A arte da Angola vai contra a alienação dominante. Hoje, mesmo grupos de Angola que não mantiverem um contato com outros mestres angoleiros podem no decorrer do tempo mudar de estilo. Pois a Angola, viva e em movimento, é formada pelo conjunto dos praticantes e seus intercâmbios.

Como fiz dois anos de 'Contemporânea' e dez anos de Angola pura não tenho competência nenhuma para falar da Regional. Posso somente algum conhecimento teórico. Na Angola só terei alguma competência para nela começar a me expressar com mais de quarenta anos de Capoeira. Não tenho pressa, pois ainda faltam trinta anos para isso. Sempre que se tenta explicar as diferenças de estilos da Capoeira, o aspecto semântico confunde muito. Pois só é possível entender a Capoeira através da experiência pessoal e própria. Este texto é parte de uma pesquisa na qual pretendo mostrar os efeitos poderosos que a Angola possui para a vida humana enquanto terapia, liberação da criatividade, liberação energética, etc...

Uma grande riqueza desse universo é sua diversidade. Neste aspecto, a Capoeira imita a natureza em sua biodiversidade. Estamos a cada dia descobrindo novidades, "movimento é vida". O que pretendo com este texto é clarear um pouco a nomeação dos estilos, mas com certeza dentro de cada estilo cada grupo possui suas diferenças. O que vejo na Angola é como cada um consegue descobrir o seu jeito de se expressar, uma verdadeira unidade na diversidade (*28). Muito mais importante que os nomes é o que se pratica, e, nesse aspecto, a Capoeira tem uma unidade. Pois posso dentro do meu estilo me adaptar e jogar em rodas de outros estilos. E é a partir desta prática que pergunto com

este texto: Qual é a sua? Cada um está escrevendo a sua história corporalmente e procurando manter as capoeiras.

O que tenho visto são três ambientes e a melhor síntese disso seria a duração de permanência de estilos:

- **CONTEMPORÂNEA** é a capoeira mais difundida. Aqui nesta categoria coloco **todas as nomeações que tenham menos de 50 anos de existência**. Aqui entra a MAIORIA DE GRUPOS E ACADEMIAS, com a Capoeira sendo chamada de 'Angola-e-Regional', e as contemporâneas 'regional-moderna', 'Soma-Capoeira', Capoeira *free-style* (para luta Vale-tudo), Hidro-Capoeira, Capoeira misturada com outras lutas (boxe, muay-thai, etc) e ainda as que não querem abandonar seus títulos anteriores. Na década de 90, tentaram e hoje ainda tentam se aproximar da Angola (o que está gerando confusões, pois todos têm o direito de aprender o que quiser, mas nesta categorização, estes angoleiros "contemporâneos" se diferem dos que jogam EXCLUSIVAMENTE a Angola);

- **REGIONAL** pura de Mestre Bimba, que está sendo divulgada e recuperada, principalmente, por Mestre Nenel. Passou por mudanças, **tem em torno de 80 anos de existência**;

- **ANGOLA** pura, que possui Mestre Pastinha como ícone maior, mas que comporta dentro do mesmo estilo variações práticas e técnicas derivadas de **400 anos de existência e** experimentação. Nessa categoria, não se aceitam competições ou campeonatos, pois o melhor da roda não pode ser medido, não existe. Cada um contribui com seu melhor para a roda e isso potencializa a energia coletiva, que retorna para o indivíduo. A **Soma-Iê** se encontra dentro desta proposta com os grupos de terapia ligados aos *Coletivos Iê's de SP, BH e Curitiba*. Apesar de não ter um mestre nos apadrinhando, buscamos a responsabilidade de não misturar ou deturpar sua essência, permanentemente fazendo oficinas com mestres angoleiros. Uma fonte de referência além do GCAP e suas derivações (*29) é a ABCA (*Associação Brasileira de Capoeira Angola*), que possibilitou a volta de mestres que pararam por mais de 20 anos ou que modificaram seu estilo e agora voltaram à Angola. E inúmeros angoleiros que se espalham pelo Mundo a fora, os já citados e outros como M. Curió, Mestre Lua de Bobó, M. René, M. Roberval e M. Laércio, e sem falar dos antigos capoeiristas como M. Antônio Diabo de Jequié.

Esta categorização (*30) pode ser usada por grupos e rodas, mas é sobre o capoeira, o capoeirista, que procuro definir. Pois se Mestre Bimba foi angoleiro e criou a Regional, qualquer um pode mudar de estilo no decorrer do fluxo de sua vida. Nem é sempre o título conseguido por um mestre angoleiro que definirá seu estilo. Mestre João Pequeno, maior raiz viva da Angola, formou mestres em Minas Gerais que nesta categorização não são angoleiros. Há também outros mestres antigos que são angoleiros e foram criando alunos e mestres não-angoleiros (Mestres Brasília e Sergipe, e outros inúmeros exemplos). A Capoeira é PRÁTICA e não TEÓRICA. Se mestres tiveram formação angoleira ou regionaleira pura e não a seguem, procuro enquadrar seu estilo em função da sua prática cotidiana, de seu grupo e alunos.

Esta categorização não é entre melhor e pior, simplesmente busco explicitar uma forma de ver a Capoeira que desenvolvi nos últimos anos, na prática, na convivência e na pesquisa. Apesar dos estilos terem treinos e rodas que definem o cotidiano de seus praticantes, qualquer um pode participar de um outro estilo, desde que respeite os rituais locais, o que mantém a possibilidade de

chamarmos tudo isso de CAPOEIRA. Acontecem muitos eventos onde se convidam mestres antigos, ora pra valoriza-los, ora para tentar usar seus nomes, são tênues esses limites, e secundários, desde que se respeitem estes mestres.

A individualidade defendida por Mestre Pastinha (“*cada um é cada um, ninguém luta como eu*”) é fundamental dentro do estilo Angola. No entanto, a infiltração da militarização e da padronização (*31) pode ainda descaracterizar a Angola no contexto atual de globalização econômica. Mesmo grupos que foram fundamentais no resgate da Angola, ao insistirem em uma única padronização, podem enfraquecê-la. O ‘Cobra Mansa’ de Mestre Pastinha, Mestre João Pequeno é fundamental hoje, pois além de ser o mais importante capoeirista vivo e em atividade, soube experimentar e trazer de volta elementos ritualísticos da sua Angola. Poucos podem trazer em seu currículo mais de 71 anos de capoeiragem em quase 85 anos de vida.

Desejo críticas e sugestões para ir ‘movimentando’ minhas percepções aqui apresentadas e poder retribuir em novos textos (as correções colocarei no livro), procurando buscar mais ‘sinceridades’ que ‘verdades’. Nas últimas décadas, com a existência de técnicas de vídeo, fotos e arquivos, há capoeiristas tentando inventar (mentir) seu passado. Uma pergunta pode ser um desafio ou um diálogo, na roda e na vida. Dentro das capoeiras, eu pergunto: Qual é a sua?

Posso definir o outro de fora e cada um pode se definir. Assim poderemos confrontar conceitos. Querer definir o outro pode parecer autoritário, uma forma de me defender (fechar), mas também pode fazer parte do meu direito libertário. O autoritarismo também é móvel e está nas relações e não só em conceitos. Pois os conceitos mostram a prática e esta é modificada cotidianamente, pelas relações do indivíduo com seu meio. ***Eu sou angoleiro, sim sinhô...*** e pergunto ao ***Kamugerê***, qual é a sua?

“Para ter mais certezas tenho que me saber de imperfeições” (Manoel de Barros)

Rui Takeguma

Somaterapeuta criador da Soma-Iê, anarquista, fotógrafo e professor do Iê – *Grupo Anarquista de Capoeira Angola de SP*, participante da *FACA (Federação Anarquista de Capoeira Angola)*
São Paulo, Fevereiro de 2002